

## **A CENTRALIDADE ESPACIAL DA EDUCAÇÃO ESCOLAR NA DÉCADA DE 1930: O COLEGIO PEDRO II E O CENTRO DO RIO DE JANEIRO**

### **THE SPATIAL CENTRALITY OF SCHOOL EDUCATION IN THE 1930s: COLLEGIO PEDRO II AND THE CENTER OF RIO DE JANEIRO**

Giam Carmine Cupello Miceli<sup>1</sup>

#### **RESUMO:**

O presente artigo tem o propósito de revelar como a educação passa a ganhar destaque, principalmente na década de 1930, a partir de dois fenômenos fundamentais: a Exposição de Arquitetura Escolar e o movimento da Cruzada Nacional de Educação. A partir de uma análise multiescalar, torna-se possível articular os dois fenômenos a um debate espacial, entendendo o espaço enquanto fenômeno social e geográfico, sendo a Geografia a ciência que analisa este espaço. Enquanto a arquitetura escolar enfatiza o espaço da escola, a Cruzada busca consagrar-se como movimento nacional, pontilhando o território brasileiro com escolas para alfabetização da população. Ampliando, mais uma vez, a escala geográfica de análise, chegamos ao Colégio Pedro II, instituição localizada na área central da cidade do Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, buscando analisá-la a partir de uma dimensão espacializante, principalmente a partir do tripé espaço-espacialidade-centralidade. A ideia de centralidade acaba por manifestar-se de diversas formas, o que foi mostrado a partir da metodologia adotada para este artigo: a análise do jornal A Noite e o Livro de Termos do Colégio Pedro II, equivalente ao atual Livro de Matrículas, são documentos privilegiados e que muito guardam sobre o debate aqui proposto. O jornal A Noite foi escolhido por ter sido localizado na área central da cidade, em icônico edifício, além de ter sido relativamente aberto às demandas da população. O Livro de Termos adentra a pesquisa como documento que apresenta dados sobre estudantes da instituição ora investigada. Os documentos levantados são referentes à década de 1930. O espaço é aqui entendido dentro da acepção elaborada por Milton Santos (2008): um sistema indissociável de objetos e ações.

**Palavras-chave:** centralidade, escola, geografia histórica da educação.

#### **Abstract:**

This article aims to show how education began to gain prominence, especially in the 1930s, based on two fundamental phenomena: the School Architecture Exhibition and the National Education Crusade movement. Based on a multiscale analysis, it becomes possible to articulate the two phenomena in a spatial and geographic debate. While school architecture emphasizes the space of the school, the Crusade seeks to establish itself as a national movement, dotting the Brazilian territory with schools to teach the population to read and write. Changing, once again, the geographic scale of analysis, we arrive at Colégio Pedro II, an institution located in the central area of the city of Rio de Janeiro, former Federal District, seeking to analyze it from a spatializing dimension, mainly from the space-spatiality-centrality tripod. The idea of centrality ends up manifesting itself in different ways, which was shown based on the methodology adopted for this article: the analysis of the newspaper A Noite and the Book of Terms of Colégio Pedro II, equivalent to the current Book of Enrollments, are privileged documents that hold much about the spatial and geographical debate. The newspaper A Noite was chosen because it was located in the city center, in an iconic building, and because it was relatively open to the demands of population. The Book of Terms enters the research as a document that presents data on students at the institution under investigation. The documents collected refer to the 1930s. Space is understood here within the meaning developed by Milton Santos (2008): an inseparable system of objects and actions.

---

<sup>1</sup> Professor de Geografia da Rede Municipal de Educação de Itaboraí, mestre em Educação (UFF) e doutorando em Geografia (UFF). Email : giammiceli84@gmail.com.



**Keywords:** centrality, school, historical geography of education.

## INTRODUÇÃO

A educação escolar, na década de 1930, passa a ganhar enorme destaque, devido aos mais diversos motivos. É comum que se afirme que, em um contexto urbano-industrial, um maior grau de instrução formal fez-se necessário, por exemplo. Também alega-se que em um cenário de nacionalismo exacerbado, a alfabetização do povo precisava ganhar fôlego. Independentemente das razões que expliquem tal fenômeno, o fato é que a instituição escolar passa a ganhar enorme destaque.

Este artigo consiste em apresentar elementos, sobretudo espaciais, capazes de apontar como tal relevância da escola enquanto instituição vem a manifestar-se<sup>2</sup>. Para tal, como pano de fundo, dois são os fatos escolhidos. O primeiro deles é a primeira exposição de Arquitetura Escolar, realizada em 1934. Tal evento separa a Arquitetura daquilo que passou a ser a Arquitetura Escolar, ou seja, a prática de arquitetar para uma finalidade específica, o que, invariavelmente, apresenta rebatimentos espaciais. É importante salientar que a emergência de uma Arquitetura Escolar difere da construção de escolas propriamente dita. Escolas já eram construídas antes de 1934. E escolas eram construídas para que fossem escolas. Em 1934, a ideia da escola enquanto espaço improvisado – algo comum em tempos pretéritos – começava a ser uma ideia não tão próxima assim. O segundo, por sua vez, é a chamada Cruzada Nacional da Educação, movimento que tinha como mote a alfabetização das pessoas e, especialmente, pontilhava o território brasileiro.

Lançando mão dos dois eventos anteriormente mencionados e dando a eles o devido tratamento geográfico a partir do conceito de espaço, o centro do antigo Distrito Federal será adotado como recorte espacial para que nele seja possível verificar de que modo a escola ganha um ar de centralidade. Para tal, é imprescindível apresentar aspectos voltados à formação socioespacial dessa área central, tomando elementos como seus diversos usos e suas divisões administrativas a partir do domínio da Igreja Católica desde tempos coloniais.

O tratamento geográfico supracitado encontra sustentação nos conceitos de espaço – o espaço geográfico enquanto sistema indissociável de objetos e ações (SANTOS, 2008) – e espacialidade – os objetos dispostos no espaço geográfico constituem uma trama espacial, conforme aponta Gomes (2013). Por fim, é Miceli (2015) quem mostra que as relações espaço-escola podem ser balizadas pelo par espaço *da* escola e escola *no* espaço, sendo o primeiro

---

<sup>2</sup> O presente artigo é um recorte da tese de doutorado que vem sendo desenvolvida no Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal Fluminense.

voltado a aspectos relativos às formas-funções internas de cada estabelecimento de ensino – o prédio propriamente dito, os arranjos de objetos, o uso do tempo, os recursos diversos, dentre outros – e o segundo que é voltado à espacialidade, à constituição de uma trama da qual a escola faz parte. É imprescindível sinalizar ao fato de os dois olhares serem complementares, e não excludentes entre si.

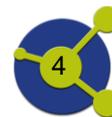
Em termos metodológicos, o jornal A Noite apresenta-se como valiosíssima fonte documental, pois, a partir do devido e necessário distanciamento, é possível nele verificar como a educação e a cidade são representadas. É possível constatar informações relevantes sobre educação escolar e sobre a cidade do Rio de Janeiro, colocando em evidência, sobretudo, os conflitos de uma cidade que sempre foi moldada com base em pressupostos excludentes e conservadores. Havia as cidades dos reformadores e havia a cidade do povo, assim como hoje em dia.

A ênfase às ideias de centro e centralidade, presentes no título do artigo, estão relacionadas à forma como a educação aparece no jornal A Noite. É possível notar como a educação escolar ganha destaque a partir da difusão, via jornal, de realização de atividades, participação de eventos, solenidades e práticas pedagógicas.

Para além dos jornais, a ida aos documentos escolares confere maior embasamento à análise aqui exposta, na medida em que é possível verificar como tais fontes foram sofrendo aprimoramentos com o passar do tempo. A comparação de documentos de mesmo tipo em diferentes períodos tende a mostrar um aperfeiçoamento, um maior nível de detalhes, por parte do documento mais recente. O principal documento aqui investigado foi o Livro de Termos do Colégio Pedro II, documento hoje conhecido como Livro de Matrículas.

## **DIANTE DA POSSIBILIDADE DE UMA GEOGRAFIA HISTÓRICA DA EDUCAÇÃO : EM BUSCA DE UMA METODOLOGIA**

A metodologia da pesquisa aqui apresentada consiste, em primeiro lugar, na análise de impressos de época. É imprescindível verificar de que modo a educação era retratada e representada. O jornal escolhido é o jornal A Noite. Em primeiro lugar, pelo seu simbolismo em termos locacionais e arquitetônicos. Situado na Praça Mauá, praça localizada na área central do antigo Distrito Federal, em um prédio considerado « o primeiro arranha-céu da América Latina ». Em segundo lugar, trata-se de um jornal com expressivas reportagens sobre a educação formal no Rio de Janeiro, bem como no Brasil como um todo. Em terceiro,



o meio aqui mencionado aparentava ser aberto à participação do público através de cartas, bem como de visitas à sede do jornal.

As notícias localizadas foram encaixadas em categorias criadas para fins de organização, de modo que fosse possível compreender a formação do espaço da área central do Rio de Janeiro, embora, conforme será sinalizado posteriormente, a multiescalaridade (SOUZA, 2006) seja fundamental ao longo do trabalho. Ou seja, não se pode olhar apenas para o centro, sem considerar outras ações em outras áreas da cidade.

Para além do jornal A Noite, a consulta a documentos escolares também fez parte da metodologia aqui adotada. Os Livros de Termos do Colégio Pedro II aparecem como fontes importantíssimas, na medida em que permitem o levantamento de dados importantes, como a origem dos estudantes, a primazia de estudantes contribuintes sobre os estudantes gratuitos, a quantidade de matrículas por ano/série, dentre outros.

A justificativa para a escolha do Colégio Pedro II reside, em primeiro lugar, pela localização da instituição, já que o Colégio fica na área central da cidade do Rio de Janeiro, em local drasticamente alterado pela reforma urbana de Pereira Passos. Além disso, trata-se de um estabelecimento de ensino que conserva parte de seu acervo documental, viabilizando pesquisas diversas.

## **PENSANDO O ESPAÇO DA ESCOLA E ESCOLAS PONTILHANDO O ESPAÇO : A EXPOSIÇÃO DE ARQUITETURA ESCOLAR (1934) E A CRUZADA NACIONAL DE EDUCAÇÃO**

A análise do jornal A Noite coloca em evidência o destaque que a educação escolar ganhava ao longo da década de 1930. Tal destaque é visível a partir das várias notícias e referências à educação formal. Opto por apresentar dois fenômenos : a Exposição de Arquitetura Escolar, realizada em 1934, e o empenho realizado pelo movimento da Cruzada Nacional de Educação para alfabetizar a população a partir da construção de escolas e oferta de vagas.

No entanto, é fundamental destacar, de antemão que, embora uma notícia de jornal possa ser isolada – isolada no sentido de poder, quase sempre, ser compreendida por si própria, sem a ligação com as outras notícias -, ela se insere em um conjunto. Diante disso, foi adotado o recurso metodológico de interpretar as notícias a partir de uma análise globalizante, de modo que tais notícias possam ser situadas. A *situação* aqui proposta tem a ver com a posição de cada notícia cara à pesquisa aqui apresentada.

Com isso, é importante observar informações como : a presença ou ausência de foto na notícia ; a parte do jornal em que a reportagem está presente – uma reportagem de capa sugere uma maior importância se comparada a uma reportagem na última página, por exemplo e a parte da página em que a notícia está, de modo que seja possível inferir que uma notícia em seu centro representa maior destaque do que uma notícia em algum canto inferior, por exemplo. Além disso, o tamanho da reportagem é um dado de extrema relevância, de modo que seja relativamente simples perceber notícias que soam quase como informes, ao passo em que outras notícias são verdadeiras investigações em termos de consistência e riqueza de dados coletados.

Tal levantamento assegura o fato de o destaque conferido à educação escolar ter sido uma realidade ao longo da década de 1930. É importante destacar que, acerca da educação formal, as notícias variam muito. Há reportagens sobre condições das escolas<sup>3</sup>, há notícias sobre visitas ilustres a instituições de ensino<sup>4</sup>, há propagandas de escolas privadas<sup>5</sup> – e devem ser levadas em consideração, principalmente diante da possibilidade de serem usadas em pesquisas que busquem articular educação e espaço -, dentre outras.

Partindo do anteriormente exposto, dois fatos foram escolhidos para mostrar como a educação era representada e como ela se relacionava ao espaço geográfico. O refinamento das análises feitas aponta para uma impossibilidade cada vez maior de se dissociar as práticas educativas e o espaço, algo que vai muito além do ensino da Geografia enquanto disciplina. Pensar a educação exige que se pense, também, o espaço, a partir de múltiplos olhares e, principalmente, de escalas diversas de análise. Acerca do conceito de escala geográfica, temos :

Diferentemente da Escala Cartográfica, a Escala Geográfica não está relacionada à dimensão matemática dos fenômenos geográficos, ela pode estar associada a : a-) escala do fenômeno – características dos objetos ou sua abrangência, pode manifestar-se em territórios, áreas ou em rede ; b-) escala de análise – diz respeito ao nível analítico, que nos permite aprofundar sobre situações, problemas ou processos ; e c-) escala de ação – é uma dimensão política do alcance espacial das práticas dos sujeitos sociais (SOUZA, 2013 apud GOMES, 2020, p.17).

É imprescindível reafirmar que a escala geográfica é diferente da escala cartográfica, embora esta seja mais conhecida e mais abordada na educação básica do que aquela :

Grande parte da confusão existente entre os conceitos de Escala decorre da maneira como Geografia e Cartografia, na qualidade de áreas do conhecimento, se desenvolveram. É praticamente impossível pensar em Geografia sem atrelar, a esse campo do saber, as representações cartográficas. Ainda assim, elucidar os conceitos

---

<sup>3</sup> « Na escola Sarmiento: pedem providências para evitar desastre nos alunos”. Jornal A Noite, 20 de março de 1934, p.5.

<sup>4</sup> “Um dia dedicado ao ensino: visitas do cônego Olympio de Mello a vários estabelecimentos escolares”. Jornal A Noite, 25 de abril de 1935, p.3.

<sup>5</sup> Como exemplo, há a propaganda do Colégio Santa Cecília, localizado no bairro de São Cristóvão, na cidade do Rio de Janeiro. Uma das propagandas da instituição está no jornal A Noite, 02 de março de 1935, p.2.



apresentados por ela tem sido uma difícil tarefa para docentes e estudantes. Falar de Escala nas aulas de Geografia, na maioria dos casos, significa compreendê-la apenas como uma relação matemática de redução/ampliação do espaço.

Todavia, entende-se a Escala como um conceito que não somente corresponde ao tamanho de algo (aspecto dimensional), mas que também abarca a complexidade do fenômeno analisado (NASCIMENTO, SILVA e BUENO, 2020, p.43).

O conceito de escala geográfica, exemplificado a partir dos dois excertos acima, para que possa ser aplicado às análises sobre educação, exige o conceito de multiescalaridade. Souza (2006, p.48 e 49) fala nos « principais sintomas dessa inclinação obsessiva para a simplificação » :

*Abordagens monoescalares ou muito fracamente multiescalares.* Um vício epistemológico muito comum consiste na desatenção para com o fato de que os fenômenos sociais, ainda que imediatamente referenciados, enquanto objetos de estudo, a um recorte espacial e um nível escalar específicos, têm sua gênese, sua dinâmica atual e suas perspectivas explicáveis ou analisáveis mediante a identificação de fatores que emergem e operam em diferentes espaços e escalas. Sublinhe-se, portanto, a necessidade de considerar as interações sócio-espaciais horizontais e as articulações « verticais » entre fatores que remetem a distintos níveis escalares (SOUZA, 2006, p.49).

O conceito de multiescalaridade, proposto por Souza (2006), serviu de influência para que Miceli (2015) levantasse o debate entre dois olhares possíveis : o espaço *da* escola e a escola *no* espaço. O espaço da escola é referente aos aspectos arquitetônicos, aos arranjos espaciais, ao espaço-tempo da escola em determinado período, dentre outras questões internas. Por outro lado, a proposta de uma investigação que considere a escola *no* espaço busca analisar a relação entre a escola e o entorno. O autor nos mostra que :

Isso não quer dizer que a ideia do espaço *da* escola seja pouco importante. Não quer dizer também que a escola *no* espaço geográfico não dialogue com o espaço *da* escola. As duas perspectivas são importantes. No entanto, a bibliografia vem mostrando o predomínio desta sobre aquela. Muitas são as análises sobre o espaço *da* escola. Ao mesmo tempo, temos poucas interpretações sobre a escola *no* espaço geográfico. E, indo além, temos muitas pesquisas que mostram a importância do espaço geográfico em relação à História da Educação. Basta ver a quantidade de trabalhos que, de algum modo, incluem ideias relativas ao espaço geográfico e referências espaciais, mesmo sem uma definição mais precisa do conceito.

Quando falamos sobre o espaço *da* escola, referimo-nos ao espaço interno da instituição, incluindo a arquitetura do prédio, a disposição dos objetos ali presentes, aos recursos ali existentes e as práticas ali realizadas. Desse modo, é possível captar uma série de dados sobre frequência de alunos, oferta de vagas, métodos pedagógicos e políticas voltadas à educação. Daí a importância destas análises.

No caso da escola *no* espaço geográfico, o enfoque é deslocado. Deslocado, porque vai para *fora* da escola. É um olhar que *sai* do estabelecimento, embora não saia completamente. Nesse caso, buscamos incorporar o espaço geográfico do entorno do estabelecimento de ensino (MICELI, 2015, p.83).

O trecho supracitado, apesar de longo, ilustra as possibilidades de encontro e articulação entre os conceitos sistematizados pela Geografia e as análises do campo da Educação. O entrecruzamento entre os conceitos de espaço, espacialidade, escala e

multiescalaridade, conceitos até agora apresentados ao longo do artigo, pode resultar em investigações profícuas. Além disso, os quatro conceitos mencionados estão, de certa forma, vinculados aos dois grandes eventos escolhidos para exemplificar a centralidade que a educação passa a ganhar no Brasil da década de 1930: a Exposição de Arquitetura Escolar e a Cruzada Nacional de Educação.

Partindo dos conceitos de escala geográfica e multiescalaridade, é possível diferenciar os dois eventos, na medida em que a proposta de uma arquitetura escolar – ou seja, uma arquitetura com uma finalidade espacialmente específica – aponta para o espaço *da* escola. O movimento da Cruzada Nacional de Educação, por sua vez, sugere a necessidade de um olhar que insira a escola *no* espaço. O nome do movimento, por si só, já é um indicativo da agressividade com que o processo de alfabetização deveria ocorrer. Além disso, este *pontilhar-o-espaço-com-escolas* era uma forma material, concreta, de mostrar a força e a emergência com que o movimento ocorria.

Sobre a Exposição de Arquitetura Escolar, realizada em 1934, na Escola Nacional de Belas Artes, no Rio de Janeiro, as notícias mapeadas estão concentradas no próprio ano de realização do evento expositivo. No dia 20 de fevereiro de 1934<sup>6</sup>, o jornal *A Noite* publicou uma reportagem intitulada “A arquitetura escolar e os problemas pedagógicos: uma iniciativa interessante do presidente da Associação Brasileira de Educação”. Neste caso, não se trata de uma reportagem de capa, mas, ainda assim, é uma grande reportagem, que ocupa cerca de meia página, além de apresentar foto, o que confere destaque à notícia.

Analisando brevemente o título, é possível deduzir que os problemas pedagógicos podem ser, também, questões espaciais, na medida em que a arquitetura escolar poderia resolvê-los. Pode-se, então, notar uma crença considerável nas soluções a serem oferecidas pela difusão e exercício da arquitetura escolar.

Celso Kelly, então presidente da Associação Brasileira de Educação, afirma que:

O problema do prédio escolar, embora constitua uma das principais cogitações das administrações de ensino, ainda não está resolvido no Brasil e em grande número de países. Entre nós, com exceção do Distrito Federal e de alguns estados, as escolas estão instaladas em prédios inadequados, quase sempre impróprios à função a que servem, e, em regra, atentatórios de regras elementares de higiene. Como, para muitos espíritos simplistas, a educação se resolve com a multiplicação de escolas, sejam de que natureza forem, assim também em qualquer prédio, fazem instalar um instituto de ensino... (Jornal *A Noite*, 20/02/1934, p. 2).

Em momento posterior da mesma reportagem, Celso Kelly, de forma um tanto enfática, afirma que “o que deve caracterizar os prédios é a função a que eles se destinam:

---

<sup>6</sup> Jornal *A Noite*, 20 de fevereiro de 1934, p.2.

para escolas, prédios escolares; para hospitais, prédios hospitalares e assim para cada caso”. Por mais óbvia que, hoje, tal afirmação possa soar, não se pode cair em anacronismo. É importante lembrar que o Brasil, por muito tempo, teve escolas funcionando em locais improvisados. Por mais que a construção de prédios escolares específicos não tenha surgido em 1934, mas sim antes disso, o Brasil foi marcado por espaços improvisados. Além disso, a afirmação do então presidente da ABE acena para um princípio básico do modernismo: a forma segue a função.

Por fim, quando perguntado se “existe, portanto, uma arquitetura especializada para a escola?”, C. Kelly responde que:

Já há muitos anos que os arquitetos e os educadores estudam fórmulas capazes de determinarem o maior rendimento da função escolar (...). O prédio escolar deve obedecer a preceitos de ordem pedagógica, higiênica e estética. No domínio da ordem pedagógica, assistimos a uma revolução de fins e de meios, determinando logicamente a aplicação de novos métodos, que exigem novas aparelhagens. No domínio da higiene, contingentes preciosos vêm destruir preconceitos e afirmar novas verdades. No domínio estético, uma nova ordem procura disciplinar as formas, não por simples preferências externas, mas, sobretudo, em consequência da função. Simplicidade, economia, ambiente alegre são outras características da natureza geral. Muitas outras exigências se fazem sentir, principalmente ao entrar-se no estudo dos elementos do prédio: a sala, com suas múltiplas aplicações, as oficinas especializadas; os laboratórios; as bibliotecas; os auditórios; os locais de recreio; as áreas cobertas; as áreas livres, uma infinidade de questões estritamente técnicas... Infelizmente, raras são as administrações de educação que compreendem o problema predial em seus devidos termos e conseguem resolvê-lo por meios de planos harmônicos e racionais. Daí a iniciativa que tomamos, na Associação Brasileira de Educação, no sentido de organizar, para abril próximo, a Exposição de Arquitetura Escolar (...).

A A.B.E. pretende publicar, afinal, o relatório de todos os estudos apresentados. E, com isso, se firmará, na consciência de certos administradores, a existência de uma arquitetura especializada, capaz de servir à obra educacional com as exigências que se fazem indispensáveis (Jornal A Noite, 20/02/1934, p. 2).

A partir do trecho acima, alguns tópicos podem ser elucidados com base no contexto delineado à época. Em primeiro lugar, o presidente da Associação Brasileira de Educação reconhece um problema existente: a manutenção de prédios inadequados para abrigarem estabelecimentos de ensino. A justificativa reside, de acordo com Celso Kelly, em critérios pedagógicos, higiênicos e estéticos.

Os critérios higiênicos e estéticos preconizados pelo protagonista da reportagem coincidem com princípios que, à época, respaldavam reformas urbanas. Por mais que, ao menos na reforma realizada no Rio de Janeiro, antigo Distrito Federal, - Reforma Passos, ocorrida entre 1902 e 1906 -, o grande objetivo final fosse beneficiar a cidade de acordo com os interesses do grande capital, higiênica e estética serviam como pano de fundo. É importante sinalizar que a cidade do Rio de Janeiro, ao menos nas três primeiras décadas do

século XX, foi assolada pela febre amarela e pela gripe espanhola. A estética, por sua vez, seguia os ditames de cidades europeias, com destaque para a Paris pós-Haussmann.

O que salta aos olhos, no trecho anteriormente citado, é que havia uma comunhão entre a estética, com base em pilares modernistas, o que foi ressaltado pelo próprio Celso Kelly, que afirma que as formas devem ser consequências da função, além de uma enorme preocupação com os recursos que a instituição escolar deveria oferecer. As ideias de racionalização e economia iam muito mais na direção do planejamento da relação forma-função do que no sentido de se cortar despesas a partir da extinção de atividades que as escolas deveriam oferecer.

Ainda no mesmo ano, a reportagem “Tempos novos, ideias novas: o problema da construção de prédios escolares encarado por um engenheiro-arquiteto paulista<sup>7</sup>” é uma grande entrevista com o professor da Escola de Belas Artes de São Paulo, José Maria da Silva Neves. Foi ele o representante do estado de São Paulo na Exposição de Arquitetura Escolar. Segundo o professor:

Há mais de trinta anos que o problema da construção de prédios escolares vem preocupando os governos do Estado de S. Paulo. E com o crescimento vertiginoso das cidades, o problema torna-se dia a dia mais difícil. Assim o tem considerado todos os diretores de ensino pelos seus relatórios apresentados à Secretaria de Educação. Embora dispendioso e complexo agora, precisa ser resolvido, mesmo que a solução exija um sacrifício tributário da geração presente.

Em seguida, o professor afirma que

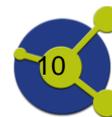
(...) apesar de todo esse esforço despendido, continua deficiente a instalação escolar. Na capital, por exemplo, as escolas estão completamente lotadas, funcionando às vezes em três períodos. E note-se que só na capital, em prédios construídos, já possui o Estado um patrimônio de mais de vinte mil contos.

Nessa situação verdadeiramente angustiada em que se acha o Estado por deficiência de prédios capazes de comportar um número e lotação os pedidos de matrícula, resolve alugar prédios particulares para instalar neles as escolas. Só para manter prédios alugados na capital, o governo gasta por ano cerca de quinhentos contos.

Pela via da comparação, os dois entrevistados apresentam olhares totalmente diferentes. Enquanto o primeiro, Celso Kelly, apresenta uma fala balizada por argumentos pedagógicos e higiênicos, José Maria da Silva Neves apresenta uma visão apoiada em argumentos orçamentários e patrimoniais. Tal divergência serve para mostrar que o debate sobre a necessidade de construção de escolas era urgente, até mesmo tornando aceitável « um sacrifício tributário da geração presente ». É possível perceber, também, uma diferença em relação à escala de análise de cada um deles. Enquanto Celso Kelly apresenta um olhar

---

<sup>7</sup> Jornal A Noite, 04 de maio de 1934, p.7.



focado em cada prédio escolar – seus usos, arranjos e recursos -, José Maria da Silva Neves apresenta um olhar mais ampliado sobre a dispersão dessas escolas, o que nos leva a crer que o debate sobre a arquitetura escolar da época não reside apenas em cada prédio.

Em termos de centralidade, ao menos no plano do debate e das representações, é possível ver a importância que a educação formal passa a ganhar no período, o que pode ser evidenciado pelo destaque dado à exposição. Nos jornais, a presença de fotos, os tamanhos das reportagens e uma certa insistência na divulgação do evento mostram a relevância com que o assunto era encarado.

O espaço, aqui partindo da definição proposta por Milton Santos (2008) – o espaço como sistema indissociável de objetos e ações -, integra a reflexão aqui proposta :

O espaço geográfico, nesta pesquisa, é considerado um *sistema indissociável de objetos e ações* (SANTOS, 2008). Os objetos são todos aqueles que aparecem na superfície de nosso planeta. As ações, por sua vez, definem a localização, a forma e a função de cada objeto (objetos artificiais, principalmente), que podem ser definidos na esfera política, econômica e cultural, pelos mais diversos agentes (MICELI, 2015, p. 15).

Ou seja, dando o devido tratamento geográfico ao evento aqui exposto, não seria precipitado afirmar que, enquanto a construção de prédios escolares equivalem aos objetos dispostos na superfície, os debates e decisões por trás constituem as ações, os comandos tendo em vista a objetivação a partir das escolas a serem construídas.

O segundo fenômeno a ser aqui considerado, exposto e espacialmente tratado é o movimento da chamada Cruzada Nacional de Educação. Comparando os debates sobre arquitetura escolar e o movimento da Cruzada Nacional de Educação, é possível verificar alguns aspectos de suma importância, que seguem :

- Em termos de representação no jornal investigado, os dois fenômenos aparecem como fenômenos altamente relevantes. Todavia, enquanto a Exposição de Arquitetura Escolar foi amplamente representada em duas grandes reportagens em um intervalo de poucos dias, o movimento da Cruzada Nacional de Educação aparece de forma mais difusa ao longo do tempo – sobretudo entre 1933 e 1937, embora haja, também, algumas grandes reportagens sobre ele. É digno de nota, também, que o jornal A Noite deu maior visibilidade ao movimento da Cruzada, se comparado à Exposição. A Cruzada Nacional de Educação teve mais reportagens de capa, o que confirma a afirmação aqui feita ;
- Partindo de uma perspectiva escolar, enquanto o debate sobre arquitetura escolar era voltado às necessidades de cada prédio escolar – embora, como já

evidenciado, houvesse alguma perspectiva de conjunto -, a Cruzada Nacional de Educação, por sua vez, enfatizava a escala nacional, até para que se apresentasse como um grande fenômeno em prol da alfabetização do povo em um contexto no qual o diagnóstico nesse sentido não era animador. Era grande a quantidade de pessoas analfabetas em um contexto sociopolítico e econômico de industrialização e nacionalismo.

Em julho de 1933, em pequena reportagem sem muito destaque, foi publicada uma notícia sobre a criação de três escolas por parte da Cruzada Nacional de Educação<sup>8</sup>. Intitulada « Mais três escolas », a notícia versava sobre a criação de três escolas, como o título indica. O termo « mais » já deixa subentendido o fato de a construção de escolas ser um projeto mais ambicioso e de mais escolas terem sido construídas anteriormente. No caso da reportagem, são « três escolas de alfabetização, todas elas na zona suburbana e rural ». Uma delas era situada em Rio da Prata, contando com dez alunos. A segunda ficava localizada em Bangu, contava com quinze alunos e funcionava em horário noturno, em sala cedida pelo Cassino de Bangu. A terceira, por sua vez, localizava-se em Inhaúma, contava vinte alunos e funcionava em sala cedida pelo Colégio Santa Rita.

Alguns fatos importantes acerca da reportagem que, embora pequena, não deixa de ser emblemática : a necessidade de se recorrer a serviços privados aparece quase como norma na reportagem anteriormente citada. Cassino e escola católica enquanto agentes responsáveis por ceder o espaço para que escolas gratuitas pudessem funcionar. Em segundo lugar, a aproximação, à época, entre a ideia de subúrbio e a noção de ruralidade. O subúrbio era visto enquanto algo exterior à cidade.

Em 1936, numa grande reportagem de capa intitulada « 1500 escolas em oito meses<sup>9</sup> ! », fala-se em « magnífico trabalho em favor da nacionalidade ». Em seguida, temos:

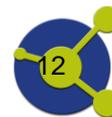
Uma escola em cada capital, uma escola em cada município, todas elas mantidas pela contribuição da juventude – é o que a Cruzada espera se tornar realidade até o próximo dia 13 de maio. A data não poderia ser mais bem escolhida. Comemorativa da abolição da escravidão negra, passará a assinalar uma campanha – por certo vitoriosa – para que o Brasil se veja livre, quanto antes, dessa outra mancha não menos triste que é o analfabetismo.

O então presidente da Cruzada, Gustavo Armbrust, ao ser entrevistado pelo jornal, na mesma reportagem, fala que « os jovens seriam ótimos elementos e concebi um plano de mobilização dos alunos de todos os estabelecimentos de ensino do país (...) ». Em seguida,

---

<sup>8</sup> Jornal A Noite, 04 de julho de 1933, p.6

<sup>9</sup> Jornal A Noite, 25 de agosto de 1936, capa.



Armbrust afirma que « esse movimento só seria coroado de êxito se fosse chefiado por um estabelecimento de ensino secundário de renome em todo o país. Ora, nenhum está em melhores condições do que o Colégio Militar ». Ainda de acordo com o material analisado, as primeiras escolas a serem construídas seriam localizadas no município de Campos dos Goytacazes, no norte do estado do Rio de Janeiro, num total de oito unidades escolares.

Ao longo desta reportagem, o presidente da Cruzada falou sobre a necessidade de um estabelecimento de ensino secundário de renome nacional com a capacidade de chefiar o movimento, no que, posteriormente, ele citou, sem pestanejar, o Colégio Militar.

## O COLÉGIO PEDRO II: DO SIMBOLISMO CENTRALIZANTE À ESPACIALIDADE DA ÁREA CENTRAL

Criado em 1837, durante o período Regencial, com o propósito de servir como modelo de ensino secundário a todo o país, depois de ter servido como seminário católico – o Seminário de São Joaquim -, o Colégio Pedro II pode ser visto, também, como objeto espacial<sup>10</sup>.

O Colégio Pedro II – *campus* Centro – está localizado na atual Avenida Marechal Floriano, na área central da cidade do Rio de Janeiro. Tal avenida, antes de receber a atual denominação, era dividida em duas ruas : rua Larga de São Joaquim e rua Estreita de São Joaquim, sendo São Joaquim o nome do Seminário que, posteriormente, foi transformado em Colégio Pedro II. A rua Larga se transformava em rua Estreita de São Joaquim, pois a igreja de mesmo nome se colocava perpendicularmente à rua, estreitando a passagem dos pedestres. Por conta da Reforma Passos (1902-1906), a municipalidade comprou o prédio da Igreja de São Joaquim, efetivando sua derrubada e o alargamento da rua que, no período, passa a ser chamada de Avenida Marechal Floriano. É Santos (1965, p.122) quem aponta que

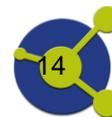
A Igreja de São Joaquim foi vendida à Municipalidade, em 27 de abril de 1904, pela quantia de 200 contos de réis, para se proceder ao alargamento da antiga Rua Estreita de São Joaquim.

Iniciou-se a sua demolição no mesmo ano, no dia 4 de maio, permitindo assim o surgimento da atual Avenida Marechal Floriano.

---

<sup>10</sup> Hoje, o Colégio Pedro II possui diversos *campi* pela cidade do Rio de Janeiro e municípios da Região Metropolitana (Niterói e Duque de Caxias). Todavia, tal expansão ocorreu ao longo dos anos. Este artigo considera unicamente o campus Centro, que foi o primeiro e, por alguns anos, o único.





Pedro II atraía estudantes de todo o país, além de estudantes de outros países. É possível dizer que, considerando a regionalização oficial atual (IBGE), estudantes de todas as regiões afluíam para o prestigiado colégio.

É importante salientar que muitas eram as barreiras impostas a estudantes que almejassem o ensino secundário e talvez, lamentavelmente, seja lícito supor que, para muitas famílias, tal nível de ensino estava completamente fora de quaisquer horizontes que viessem a viabilizar um futuro melhor pela via da educação formal.

O primeiro obstáculo residia no exame de admissão, que era exigido para que o ensino secundário fosse acessado. Ao finalizar o ensino primário, a criança deveria prestar o exame para tentar chegar ao secundário. Como em vários exames desta natureza, a maioria era reprovada. Além disso, os custos eram inacessíveis a muitas famílias. No próprio Colégio Pedro II, o Livro de Termos apresenta dados sobre cada estudante ser « gratuito » ou « contribuinte », pois, à época, a ideia de público não caminhava com a ideia de gratuito.

Antigamente, a cidade do Rio de Janeiro era dividida em freguesias, o que também valia para a área central. Muitas dessas freguesias, embora não todas, tinham suas denominações influenciadas pela Igreja Católica. As igrejas das localidades determinavam os nomes das freguesias. Então, por exemplo, a Freguesia da Candelária era assim chamada devido à Igreja da Candelária. A Freguesia de Santa Rita é resultante do desmembramento da Freguesia da Candelária a partir do processo de expansão da cidade, lembrando que a cidade do Rio de Janeiro começa em sua área central. E é exatamente nesta antiga freguesia que o Colégio Pedro II está localizado. De acordo com Santos (1965, p.121), « A freguesia de Santa Rita foi criada por Alvará de 13 de maio de 1721, desmembrada da freguesia da Candelária (...) ».

Em termos de localização, é possível dizer que o que foi a Freguesia de Santa Rita é um pedaço de terra situado entre a Avenida Presidente Vargas e a Praça Mauá (orla). Trata-se de uma área importantíssima para a história do Rio de Janeiro, na medida em que, primeiramente, é um dos berços da cidade, pois é nessa área que temos o Morro de São Bento e Morro da Conceição, que são dois embriões do antigo Distrito Federal.

Noronha Santos (1965, p.118-119) reúne elementos para caracterizar tal freguesia. Alguns desses elementos são : « vários estabelecimentos de ensino particular e 10 escolas municipais de instrução primária », « casas comerciais de café », « muitos trapiches e alguns estaleiros » e o próprio Colégio Pedro II.

Sobre a igreja que batiza a freguesia, Santos (1965, p.121) mostra que

A igreja Matriz está situada no Largo de Santa Rita, ao lado das Ruas do Ourives (...) e Teófilo Otoni ; ereta sob a invocação de Santa Rita de Cássia, teve a sua Irmandade criada antes de 1720 por Manuel Nascentes Pinto e sua mulher D. Antônia Maria. Lançada a primeira pedra do templo pelo Bispo D. Francisco de S. Jerônimo (...) por escritura de 13 de março de 1721, assinada por Manuel Nascentes Pinto e sua mulher (...).

Santos, em seguida, afirma que « Das freguesias urbanas é a Matriz de Santa Rita a que tem pior aspecto, atestando a indiferença e o gosto artístico dos templos coloniais. Em 1870 sofreu essa igreja algumas reformas, que pouco adiantaram o embelezamento do mesquinho edifício » (SANTOS, 1965, p.122).

A cidade do Rio de Janeiro, ao longo do período colonial, foi muito marcada pela doação de terrenos contíguos a igrejas, também construídas por particulares. O fiel, geralmente algum português ou descendente, com posses, construía a capela destinada a algum santo ou santa de devoção e era comum que tais capelas fossem doadas juntamente com alguns terrenos que poderiam ou não ser contíguos.

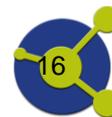
Boclin e Andrade (2016) mostram que o prédio em que funcionou o Seminário de São Joaquim, tendo seu uso posteriormente substituído pelo Colégio Pedro II, teve origem na doação da antiga capela de São Joaquim com alguns terrenos contíguos. Em um deles, foi erigido o prédio que funcionou como seminário e que passou a abrigar o Colégio.

Deste modo, tivemos um talvez turbulento processo de ocupação da freguesia de Santa Rita que, apesar de tantas alterações ao longo do tempo, possui até hoje objetos espaciais que são verdadeiros testemunhos de tempos pretéritos, dentre os quais destacamos a instituição de ensino aqui retratada.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo consistiu em elaborar e fornecer subsídios para que mais elementos que considerem a relação instituição de ensino-espço possam brotar. Tomando como bases da análise dois grandes fenômenos de cunho educacional que ocorreram no país – a Exposição de Arquitetura Escolar e o movimento da Cruzada Nacional de Educação -, foi possível verificar com a educação escolar era um tema caro aos anseios do país em um contexto de difusão do nacionalismo e industrialização.

Para que tal investigação fosse construída, foram usados, como recursos metodológicos, edições do jornal A Noite e documentos escolares do Colégio Pedro II, em especial, o Livro de Termos. Com esses dois conjuntos de documentos, tornou-se possível trabalhar com a categoria centralidade, mostrando a educação escolar como atividade central a partir das notícias de jornal, o Colégio Pedro II como instituição central – no sentido de



destaque do qual a instituição desfrutava ; o que só foi passível de verificação a partir da análise do Livro de Termos, o que revelou o papel de confluência que o Colégio exercia – e, ainda, o mesmo colégio localizado na área central do antigo Distrito Federal. Cabe lembrar que os procedimentos metodológicos que foram aqui adotados – e que estão longe de um possível esgotamento – podem ser aplicados em outras instituições de ensino. Trata-se de uma investigação que busca unir, em termos documentais, dados em âmbito multiescalar : da escola para o entorno, do entorno para o restante da cidade, da cidade para a escola, e assim por diante.

Partindo da tríade espaço – espacialidade – centralidade, um tratamento geográfico foi dado a fenômenos espaciais que ocorriam no Brasil e no Rio de Janeiro, ao longo da década de 1930. A relação entre espaço geográfico e instituições de ensino, além de passível, é necessária, pois essa mesma relação pode trazer elementos que permitam um melhor entendimento daquele espaço como um todo. Daí a proposta de uma Geografia Histórica da Educação. A dimensão espacial é muito importante para ser relegada a segundo plano ou para ser considerada apenas em descrições de prédios escolares.

O Colégio Pedro II – *campus* Centro -, enquanto objeto espacial, permanece como testemunho de uma cidade que, a partir do tripé embelezamento-melhorias de circulação-erradicação de doenças, passava por modificações elitistas e excludentes, sobretudo em seu centro, que vivenciava, ao longo da primeira metade do século XX, um aumento da pobreza pela via das modificações das formas e usos do centro da então capital da República, o que resultou, também, em escassez de moradia para os mais pobres. As instituições de ensino devem ser inseridas neste debate.

## REFERÊNCIAS

GASPARELLO, A. M. **Construtores de identidade : a pedagogia da nação nos livros didáticos da escola secundária brasileira.** São Paulo : Iglu, 2004.

GOMES, P. C. C. **O lugar do olhar : elementos para uma geografia da visibilidade.** Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2013.

GOMES, M. F. V. B. Abordagem do envelhecimento da população sob a perspectiva da escala geográfica. In : CAVALCANTI, L. S. ; SANTOS, L. A. (Orgs.). **Escala e ensino de Geografia.** Goiânia : C&A Alfa Comunicação, 2020.

MICELI, G. C. C. **O processo de espacialização do ensino secundário no estado do Rio de Janeiro (1931-1942): uma análise histórica e geográfica.** Dissertação (Mestrado em Educação). Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2015.

NASCIMENTO, D. T. F. ; SILVA, L. C. ; BUENO, M. A. Escala e generalização : prerrogativas para o ensino de Geografia. In : CAVALCANTI, L. S. ; SANTOS, L. A. (Orgs.). **Escala e ensino de Geografia.** Goiânia : C&A Alfa Comunicação, 2020.

SANTOS, M. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção.** 4ª ed. São Paulo: Ed. USP, 2008.

SANTOS, N. **As freguesias do Rio Antigo.** Rio de Janeiro: Edições o Cruzeiro, 1965.

SANTOS, B. B. M.; ANDRADE, V. L. C. Q. **Colégio Pedro II: A trajetória de seus uniformes escolares na memória coletiva da cidade.** Rio de Janeiro: Mauad, Faperj, 2016.

SOUZA, M. L. A expulsão do paraíso. O « paradigma da complexidade » e o desenvolvimento sócio-espacial. In : CASTRO, I. E.; GOMES, P. C. C.; CORRÊA, R. L. (Orgs.). **Explorações geográficas : percursos no fim do século.** 2ª ed. Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2006.

Submetido em: 29 Junho de 2024

Aprovado em: 17 novembro de 2024

Publicado em: 13 dezembro de 2024